

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

LARGO DE S. FRANCISCO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMAMARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)ASSINATURAS
Ano... 12\$00 Semestre... 6\$00
Pelo correio, mais o porte.ANUNCIOS
Linha (corpo 12)... \$50
Repetição... \$40
Comunicados — linha... \$70

DIRECTOR E EDITOR—Abade Alexandrino José Leituga

ADMINISTRADOR—P.º António Esteves

PROPRIEDADE da Empresa da "ACÇÃO SOCIAL"

Obras eucarísticas

VII

Com imensa satisfação, cedemos hoje este lugar à ex.^{ma} sr.^a D. Maria José Pinto da Fonseca Novais, do Porto, gentilíssima filha do saudoso Conselheiro José Novais, barcelense prestimoso, cuja memória ainda hoje e sempre será evocada com a mais enternecida saudade.

A sua tese foi subordinada ao tema—«As modas e a S.S. Eucaristia. Modéstia devida à Sagrada Mesa e à igreja».

Essa tese foi-lhe distribuída para ser apresentada na sessão de estudos do 1.º Congresso Eucarístico Nacional. E foi-o de facto. E agradou tanto à ilustre assembleia que o venerando Antistite que a essa sessão presidia, o Ex.^{mo} Bispo de Beja, assombrado, conseguiu que s. ex.^a a apresentasse de novo na última sessão solene, onde com inteira justiça recebeu prolongados, fartos e sinceros aplausos.

A «Acção Social» presta a s. ex.^a a comovida homenagem da sua admiração e do seu louvor, transcrevendo na íntegra a sua tese, para ser lida sobretudo por todas as damas barcelenses, que muito aí têm que aprender.

Poderíamos transcrevê-la na nossa secção «Jardim feminino», para início da «Cruzada dos bons costumes»; mas comprazemo-nos em lhe render todas as honras, que bem as merece, publicando-a neste lugar.

Ei-la:

«Minhas Senhoras:
Meus Senhores:

Falar da Sagrada Eucaristia, do Sacramento do amor, do dom de Deus por excelência, é, sem dúvida, minhas Senhoras, um assunto cheio de encantos, mas gravíssimo, quando ás grandezas de Deus temos que contrapor as tristes misérias da humanidade. No entanto, em defesa da lei de Deus, que estremeço do fundo da alma, e por amor ao próximo que devo amar como a mim própria, senti a necessidade absoluta de um grito de alma bem sincero, vir dizer a V. Ex.^{as} o que penso sobre a «moda e a Sagrada Eucaristia, sobre a modéstia que devemos aos templos e, especialmente, quando nos abeiramos da Sagrada Comunhão».

Não pretendo trazer junto de V. Ex.^{as} um estudo completo a

respeito da moda, nem tampouco um trabalho literário.

As minhas forças são bem poucas, mas estou certa de que me perdoarão a ousadia fazendo eu da minha parte por suprir tanta insuficiência com o melhor da minha boa vontade.

A N. S. Jesus Cristo pelas irreverências cometidas por mulheres portuguesas contra a Santidade do Sacramento Eucarístico.

«Vim», porque entendi que cumpria o meu dever como católica e como portuguesa; «vim», porque não podia por mais tempo assistir á agonia da nossa dignidade de mulheres cristãs, sem levantar bem alto o meu protesto contra o flagelo horrível que está consumindo as nossas energias, dando a morte moral a tantas de nossas irmãs! «Vim», porque senti a imperiosa necessidade de, num grito de alarme, despertar tantas consciências adormecidas, tantas almas timoratas, prêsas do respeito humano! Vim, Minhas Senhoras, para lhes pedir que se unam comigo num protesto de reprobção, que seja ao mesmo tempo um carinhoso acto de desagravo.

Procurarei ser imparcial; farei o possível por ser verdadeira nas minhas afirmações, não vindo criticar a moda como arte de vestir, mas sim, atacar os seus abusos, desregramentos, toda a sua imoralidade.

A moda, Minhas Senhoras, é um conjunto de combinações e ideias que preside ao vestuário, regras sujeitas a constantes alterações, como tudo o que é fruto das convenções e mobilidade do espirito humano. A moda é a inconstância. Boileau diz mais, afirma: «que l'histoire de la mode est l'histoire de la folie».

Caprichosa em extremo, sempre variável, a moda contradiz-se constantemente na ância de agradar. Traz o espirito frívolo da mulher por tal forma sugestionado, que faz com que ela aceite, sem hesitar, todas essas mudanças bruscas, sujeitando-se a toda a degradação das suas incoerências.

Então, Minhas Senhoras, repentinamente e sem razão alguma, passamos a achar horrível e grotesco tudo o que temos, tudo o que usávamos, essa mesma forma de vestir que horas antes defendíamos com tanto calor!

E como os decretos da moda são imperiosos, não se olha a nada, não se recua ante a tremenda responsabilidade que vamos contrair, comprometendo e até arruinando as mais das vezes a economia doméstica.

Não trememos ante as severíssimas contas que teremos que dar a Deus, por este motivo e pelas graves consequências de ordem moral a que estes abusos dão lugar!

Abandona-se a casa numa debandada doida, enchem-se as lojas, compra-se sem discussão, adquirem-se os últimos modelos por todo o preço, enervam-se ainda essas criaturas insaciáveis porque, depois de muito comprar, sentem que outras brilharão mais do que elas!... E para conse-

guir isto, quantas vezes não lhes será preciso calcar aos pés a sua fortuna, e, quem sabe? empenhar a sua honra!

Em casa a luta! A mulher, obsecada pela paixão desenfreada do luxo, passa a viver unicamente para si deshonrando os sagrados deveres do seu estado, esquecendo os filhos e o marido, abandonando o próprio lar!

Pobres pais e maridos! Sentem claramente que todos esses excessos são horríveis, que a vida assim é um pesadelo esmagador, uma tortura infinita! mas já não têm coragem, sentem-se impotentes para dominar o mal!

Se esses homens são honrados, minhas Senhoras, comprometem a saúde com excesso de trabalho para saldarem os seus compromissos; se o não são, então o caso é gravíssimo! todos os meios ilícitos lhes servirão para satisfazer esses caprichos indecorosos!

Insensatos pais e maridos; como podeis vós consentir por mais tempo esse luxo incomensurável, essa desordem que será a futura desgraça de vossas filhas, de vossas mulheres!...

Não é verdade, minhas Senhoras, que as modas actuais são uma arma poderosíssima de corrupção, de que habilmente se servem os inimigos da nossa honra, da paz do nosso lar? Não é certo que com toda essa exuberância imoral eles têm em vista corromper o nosso espirito, perverter o nosso coração, esmagar a nossa grande força moral que lhes contraria os seus planos de descristianização?

Oh! esses infernais corruptores, esse ouro judeu que hoje nos avassala, minhas Senhoras, conhece demasiadamente bem o nosso lado fraco—a vaidade—e então escravizam-nos, seduzindo a nossa fantasia, acorrentando-nos a essas exigências verdadeiramente pecaminosas, e sufocando as nossas energias conseguem levar-nos a uma vida miserável.

A moda, pelos terríveis estragos que causa pelos seus exageros e tendências claramente perniciosas, faz com que as suas vítimas caiam no ridículo, dando provas da sua insensatez e falta de carácter!

Como é possível que por mais tempo nos submetamos a tão aviltante tirania, sujeitando nos a ser uns ridículos manequins, o escárnio da sociedade!

Como tudo isto, minhas senhoras, vai de encontro á Santa Lei do Senhor e ás normas da vida cristã!

E no entanto as modas poderiam prestar-nos relevantes serviços, aperfeiçoando o vestuário, tornando-o sóbrio mas cheio de harmonia, de graça, de elegância,—predicados que nem Deus nem a sua Igreja quizeram nunca reprovar, antes, pelo contrário, para eles chamam a nossa atenção, ao instar connosco tão energeticamente á renúncia aos atavios imodestos. Assim o exige a modéstia cristã que, vendo no vestuário o que ele é,—a triste consequência duma falta comida e a saudável lembrança dum bem perdido, nos pede que nos revistamos da dignidade de mulheres,—espiritos racionais superiores á matéria—mais ainda aconselhando-nos que nos recordemos sempre da nossa honra sublime de filhos de Deus. Não

é isto que nos recomenda S. Paulo, ao dizer-nos que nos revistamos de Nosso Senhor Jesus Cristo?

Induimini Dominum.

Cristãos, discípulos de Cristo, filhos da Cruz, devíamos ser uns crucificados.

E que vemos nós, minhas senhoras? Vemos que não realizamos a grande verdade de que o discípulo deve seguir o Mestre, porque procuramos viver num continuo gôso, esquecendo-nos dos sublimes ensinamentos de Jesus, que sempre pregou a humildade, a inocência e a mortificação. Vida de prazer, de egoísmo e de sensualidade diametralmente oposta ao caminho real da Santa Cruz!

Cristãos fantasmas na maioria dos casos! Cristãos por atavismo, por conveniência, por snobismo! Cristãos sem razão de ser, porque não compreendem, porque não vivem da Cruz!

A Sagrada Eucaristia, como a palavra grega o indica, quer dizer Acção de graças. Acção de graças dadas por Nosso Senhor Jesus Cristo a seu eterno Pai, perpétua Acção de graças dadas pelas criaturas em união a Jesus Sacramento a Deus, como nosso Criador e Salvador.

A instituição do Sacramento da Eucaristia é um prodígio incompreensível do amor infinito de Jesus, é a síntese de toda a misericórdia do Senhor, o dom mais sublime que excede a todos os outros. E' a riquêsa dos miseráveis, a força dos fracos, a vida e a belêsa dos justos! E' um divino composto de inefáveis maravilhas, de prodígios de engrandecimento para o homem e de aniquilamento para Deus! E' um milagre da onipotência, da sabedoria e do amor terníssimo do Criador pela sua pobre criatura!

O Salvador deixou á sua Igreja o precioso depósito do seu Corpo adorável no Sacramento da Eucaristia, para ser o memorial da sua paixão, o sacrificio dos nossos altares, o alimento das nossas almas!

«Eu sou o pão que veio do Ceu, dizia Jesus, se alguém comer deste pão, viverá eternamente.»

«O pão que darei pela salvação do mundo é o meu corpo; aquele que comer a minha carne e beber o meu sangue terá a vida eterna». E sempre que Jesus fala da Eucaristia, sempre promete dar-nos a vida! Evidentemente é para bem nos convencer de que este é o efeito próprio de tão grande Sacramento e assim levar-nos muitas vezes a aproximar-nos da Sagrada Comunhão!

Jesus, dando-se a nós, comunicava-nos a vida, e que vida minhas senhoras! uma vida de amor, uma vida divina. E' a identificação perfeita com Jesus, união tão íntima que leva S. Paulo a dizer: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim!» E' realmente um convívio sagrado, lembrança perpétua da Paixão do Senhor, fonte inexaurível de graça, penhor seguro da vida Eterna.

E que contraste, minhas senhoras, entre a Sagrada Eucaristia e a Moda!

No Sacramento do Altar, Jesus aparece-nos como fonte de toda a Santidade; as modas actuais são o desregramento mais completo! Na Sagrada Eucaristia, Jesus co-

municando-se a nós é o principio da vida. A moda, pela sua imoralidade, dá a morte aos outros pelo escândalo e á nossa própria alma, predispondo-a para o pecado. O Sacramento Eucarístico é Jesus crucificado, Cristo imolando-se constantemente, é o Salvador levando ao excesso a sua generosidade; a moda é o culto do «eu», da vaidade e da sensualidade, é uma verdadeira idolatria da criatura, á custa da honra do próprio Deus!

A Eucaristia é Cristo unindo-se ao homem para o divinizar num estreito abraço de amor; a moda, cedendo á inspiração do inferno, fugindo de Cristo, abraça-se com o mundo louco, sacrificando-se a todas as baixezas.

Oh! como Jesus deve sofrer no Sacramento do seu Amor! vendo tantas almas que assim o ofendem, que constantemente o ultrajam, recebendo-o indignamente em seus corações. Comunhões sacrilégas, que no dizer de S. Paulo «nos tornam reus do corpo e Sangue do Senhor»!

Que angústia enorme não sentiria Jesus, ao ver como o insultam, aproximando-se dos altares, assistindo á Santa Missa, atrevido-se a estarem nos templos por tal forma, que mais valia nunca ali tivessem entrado! Ofender o Senhor de toda a pureza, na sua própria casa, é violar a santidade dos nossos templos, é cometer um atentado horrível contra o poder de Deus, levando o escândalo até junto dos altares!

E', minhas Senhoras, um abuso inqualificável, que urge remediar, «por» todos os meios, que estiverem ao nosso alcance.

Em face do que acabamos de dizer é tempo de preguntarmos a nós mesmas, qual deve ser a atitude da mulher cristã perante a falta de carácter, o impudor, a decadência de costumes, que minam a sociedade de nossos dias, corrompendo-a e aniquilando-a por completo!

E' absolutamente necessário, que nos opunhamos ao paganismo que alastra, que contamina a nossa honra, que dilacera a nossa dignidade, transformando os nossos lares, outrora santuários de acrisoladas virtudes, num triste montão de ruínas!

É preciso reagir, impedir que o mal se propague. É necessário, Minhas Senhoras, sermos intransigentes, defendendo, a todo o custo, esse riquíssimo património de sólidas virtudes cristãs, que nos legaram os nossos maiores, e que temos por obrigação transmitir a gerações futuras!

Unamo-nos, pois, minhas Senhoras, guiadas pela mesma fé, procuremos fazer ressurgir essas virtudes admiráveis—a modéstia, a dignidade, e a nobreza de sentimentos, que foram o apanágio de nossas Avós!

Com o esforço do nosso zelo devemos espalhar por toda a parte o horror a tudo que é indigno, ajudando assim a revestir as almas desse encanto de inocência cristã, que é na terra a melhor flor do paraíso!

Eu não me dirijo ao mundo; ele por certo, não ouviria o meu brado, no meio do turbilhão insano das suas paixões. Dirijo-me, sim, com todo o entusiasmo da minha fé ardente, a um grupo de almas apostólicas, para lhes pedir que se dediquem, que sofram, que se imolem, se tanto fôr preciso, pa-

ra que de novo não falte esse número de justos que Deus exige para não condenar a Sodoma de nossos dias a afogar-se no lodçal dos seus crimes e misérias.

E tenho a firme esperança que Jesus, que outrora transformou em flores o pão que Santa Isabel levava para os seus pobresinhos, fará de novo o milagre de converter os nossos sacrifícios, as nossas lágrimas, toda a nossa abnegação, numa esplêndida e encantadora floração de virtudes, que de novo não de fazer da mulher portuguesa, um anjo de Deus, na terra; e de Portugal um canteiro do Ceo; abençoada pátria de Heróis, e de Santos!

Pátria de Santos, terra de Heróis, eles mandam em nós:

Unamo-nos, minhas Senhoras. Em amor e dedicação, em lágrimas e preces, em preces e sofrimentos, vamos em busca de um Ideal maior para um Portugal que soube ser tão grande.

JARDIM FEMINIL

Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Alice:

Soube que vários cavalheiros, entusiasmados com a boa doutrina e desassombro do discurso daquela senhora do Porto—D. Maria José P. da Fonseca Novais, filha do sr. Conselheiro, vão mandar imprimir alguns milhares de exemplares e distribuí-los por todo o concelho.

Abençoada lembrança! Mais me disseram que muitas senhoras e cachopas, ao sabê-lo, fizeram beicinho e resmungaram umas amabilidades... E' como dizem aqui na aldeia: «Anda o carro diante dos bois». Que vergonha para nós!

E... não virá longe o tempo em que os homens honestos terão de se defender como dum malta...

Nada... o que por aí se vê não é nada, é desvergonha.

Essas... nuas ainda não aprenderão desta lição simples mas mestra que os homens lhes vão dar, minha senhora?

Conto-lhe uma boa novidade: meu sobrinho José Luís também viu em Braga as procissões Eucarísticas. Ficou entusiasmado. E sabe V. Ex.^a com a que ele se sai?

«Quer ser padre», diz ele. E caso é que o sr. Abade já foi cuidar dos papeis para entrar no Seminário; e eu vou tratar do enxoval. Se o vejo ordenado, endoideço de alegria.

Não é com perseguições que deixa de ser a maior honra deste mundo o ter um padre na família. Ser ministro do Senhor, que dignidade! E concorrer, mórmente na época que atravessamos, para a sua formação não será obra muito do agrado do mesmo Senhor? E' sem dúvida; e, por isso, é que sinto muita alegria com a resolução do pequeno e estou resolvida a auxiliá-lo em tudo.

Ele, se um dia chegar ao fim, pedirá por mim, como fazem todos os sacerdotes dignos, e isso me basta como recompensa. E se não pedisse... Deus, em quem posso confiar, supriria.

Assim algum dos outros pequenos (ou todos que fossem) siga o exemplo do José Luís.

Entendo, finalmente, que concorrer para a ordenação do padre, é concorrer para honra e glória do Santíssimo Sacramento.

Fica, minha Senhora, convidada para a missa nova de meu sobrinho...

De V. Ex.^a at.^a ven.^{ra} e obg.^a

Uma cachopa da aldeia.

Vendem-se a Companhia Editora do Minho.

ADIVINHA POPULAR

Quem me não tem nada sabe, Quem me tiver sempre come; Se é pobre não pede esmola, Quem me não tem morre a fome. Posso ser grande ou pequeno, Posso ser leve ou pesado. Quando falo, digo muito, Sou sêco e nunca molhado. Umás vezes custo pouco, Uma ridicularia, Outras então valho tanto, Como as dez horas do dia,

Decifração da última publicada:—Espingarda.

MÃE E FILHA

A gênese das draconianas leis anti-jesuiticas da República. Horripilante canibalismo pombalino sob a Monarquia.

Malagrida!!!

«E há-de prestar-se culto ido látrico a um regimen,—como protector nato da Igreja?...

Justeza de vistas da Igreja impondo ao seu órgão, o Centro U., a nota de apolítico.

Por hoje apenas a narração sêca, na sua singelêsa brutal, na sua simplicidade horrivelmente trágica, na sua mudês de requintada ferocidade, do suplicio do P.^o Malagrida, o mártir garrotado e queimado pelo ódio ferinamente cruel de Pombal, segundo refere o P. P. Murry, traduzido e anotado por Camilo.

A 21 de Setembro de 1761, se consumou o suplicio jurídico de Gabriel Malagrida. Pombal, desde muito dócil ás lições filantrópicas dos filósofos, aboliu em Lisboa as procissões do auto-de-fê, muniões doutro tempo, como êle a miúdo lhes chamava; porém para o mártir de Malagrida, por odiosa excepção, restaurou o antigo costume e ordenou que a procissão se fizesse com a maxima solenidade.

Em redor da praça do Rocio fez construir palanques para a nobreza e para o povo, convidando a côrte para este vergonhoso e sangrento espectáculo. A tropa occupava as avenidas das ruas e praças vizinhas para manter a ordem na multidão imensa que affluia ao lugar da caraficeira. O cadafalso em que devia ler-se ao rei a sentença condenatória, disposto em anfiteatro, decoraram-no luxuosamente. O ministro presidiu á cerimonia. Em frente d'êle estava o monarca e a côrte. Para negrejar ainda mais o horror do espectáculo, esperou-se até ao empadecer da tarde para que o ancião fosse levado ao suplicio através dalgumas ruas entre cirios fúnebres. E com o fim de excitar contra êle os ultrages do povo, puzeram-lhe uma espécie de mitra de papelão, e sobre a sua roupeta de jesuita, única que ainda se encontrou em Portugal, pintaram-lhe, com os sanhenitos, grotescas e horrendas figurações de demónios. Saiu do cárcere com as mãos atadas atraz das costas e um freio de pau na boca entre dois frades beneditinos e duas pessoas destinadas, segundo o costume, a lhe servirem de padrinhos na cerimonia do auto de fê.

Após êle caminhavam mais 52 condenados; mas foi êle o único estrangulado, o único a padecer, naquelle sevo dia, morte cruel e infamissima!

Quando subiu com passo firme os degraus do patibulo, um comissário do tribunal (a Inquisição empalmada e manipulada pelo tirano) lhe leu a sentença; depois o bispo de Sparta, coadjutor do Cardial Patriarca (ah! os bispos, o clero, sob a pata de bronze do regalismo, do real padroado!) procedeu á aviltadora cerimonia da degradação. Terminado isto, exortou o paciente a confessar os seus crimes e a pedir perdão ao rei e ao povo do escândalo que dera (!).

«Desde que puz os pés na terra portugueza — respondeu com

dignidade o santo velho — serví sempre S. M. Fidelissima como bom e fiel súbdito; contudo, se por ignorancia o ofendi em minima coisa, eu lhe peço humilde e sinceramente perdã».

Depois de proferir em voz baixa estas palavras, em meio do profundo silencio da multidão, entregou-se ao carrasco, encarregado de o garrotar; e no momento em que ia expirar proferiu distintamente estas palavras:

«Senhor, havei piedade de mim; nas vossas mãos entrego a minha alma».

Neste momento, dizem muitas relações dignas de fe, que de súbito seu rosto se illuminou de extraordinário resplendor, que arrancou um brado de surprêza e espanto aos milhares de espectadores. O carrasco acendeu logo a fogueira e para evitar que o povo recolhesse as cinzas do santo mártir, foram logo lançadas ao mar...

Assim morreu o P.^o Malagrida, na idade de 72 anos, 50 dos quais vivera na Companhia de Jesus, consagrando mais de 40 ao serviço de Portugal, tanto na América como na Europa.

Os inquisidores (cujo presidente era Paulo de Carvalho M., irmão de Marquês) ainda condemnaram o P.^o Malagrida nas custas—E pague ás custas! E pague as custas o justicado que tinha de seu o esfarrapado hábito em que o garrotaram! exclama Camilo.

Acabado o espectáculo da queima do cadáver, houve um lauto jantar no palácio da Inquisição, oferecido pelo mano Paulo de Carvalho e presidido pelo próprio Conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho.

Comentários!!! !!!... V. A.

FRANQUEIRA

(Da Chronica da Soledade) XVIII

Capitulo VI — Noticia de outras Capellas do Convento.

41—He a representação da Paixão de Christo, segundo o Veneravel Kempis. (Thom. à Kemp. ap. Long. verb. Christi Passio), incentivo do amor Divino, he doutrina da paciencia, he consolação na tribulação, he fuga da dissolução, he exclusão da desesperação, he materia de compunção, he exercicio de interir devoção, he esperança certa de remissão das culpas, he sustentação, e sofrimento da dura, e aspera reprehensão, he expulsão da reversa imaginação, e do máo pensamento, reprime a tentação da carne, he consolação na enfermidade do corpo, he vituperação da abundancia temporal, he abnegação da propria vontade, refree a superflua necessidade, he o melhor exercicio na tepida, e ociosa conversação, inflamma a fervorosa emenda da vida, he indução da celestial consolação, comprovação da fraternal paixão, reparação da Divina contemplação, argumento da Bemaventurança futura, alivio da pena presente, purgação do fogo sequente, e grande satisfação pelos peccados quotidianos. Todos estes frutos se tirão da representação, e meditação da Paixão do Senhor, porque he como espelho da alma piedosa, para por elle governar a sua vida, e signaculo, que mostra o caminho do Ceo, e a subida do alto monte da Gloria.

42—He o caminho do nosso Monte da Franqueira especialmente o mais frequente, que he o que vai da Villa de Barcellos, frágoso, arduo, e custoso de subir. Para suavizar o seu rigor buscou a piedade devoia dos nossos Religiosos o melhor meio, que foi expôr a todos os que por elle fossem os Passos da Paixão do nosso Redemptor, começando ao pé do Monte no da oração do Horto de Gethe-

semani até acabar no Convento e do Calvario, para que pondo em cada hum delles os olhos, na consideração do quanto padecco por nós aquelle amante Senhor, achem alento para com todo o animo subir ao mais alto, onde desejão chegar, para lograrem os frutos da arvore da Cruz, e beberem a ce estia agua da fonte da Vida. Em seis Imagens grandes, e devotas, (que a setima do Calvario he a do Senhor crucificado Titular do Convento) postas em sei Capellas pelo Monte abaixo se vê representada aquella tão lastimosa, como excessiva obra de nossa Redempção. Lançou-se a primeira pedra na primeira Capella ao pé do Monte em 4 de Setembro de 1710, sendo Guardião do Convento o P. Confessor Fr. Domingos de Barcellos, e Ministro Provincial o R. P. Fr. Pedro de Penamacor Ex-Definidor.

A cedula pessoal

No Diário do Governo de sabado foi publicado o seguinte decreto:

«Tendo sido publicado o decreto n.º 9:591, de 14 de abril de 1924, que estabeleceu a cédula pessoal, surgiram dúvidas na sua applicação como é natural em serviços cuja execução constitui novidade. Assim entendeu-se pela redacção genérica do seu artigo 5.º s que os párocos podiam passar a cédula e até fazer averbamentos nos livros em seu poder, chegando mesmo a Conservatória Geral a interpretá-la nesse sentido.

Por outro lado foi ponderada a circumstancia de a exigência da cédula para abertura de sinal perante os notários poder dificultar embora em casos restritos a facultade de estar. Também se verificou que a tabela anexa áquele decreto não tem sido bem interpretada por alguns funcionários e ainda outras dúvidas se podem levantar na applicação do artigo 9.º do decreto citado.

Considerando que o artigo 8.º do Código do Registo Civil proibe absolutamente aos párocos escrever, seja o que for, nos livros que ainda detêm, e que devem estar definitivamente encerrados, e assim não podendo fazer neles averbamentos não podem ter os elementos indispensáveis ao preenchimento da cédula de familia;

Considerando que tal inconveniente se não dá com os funcionários do registo civil que, nos termos da consulta da Procuradoria Geral da República, de 1 de Junho de 1917, com o que se conformou o Ministro da Justiça, podem lançar esses averbamentos no registo paroquial;

Considerando que não é justo que em acto de extrema urgência, como pode ser um testamento, se estejam a fazer exigências que dificultem o acto;

Considerando que mais justo e razoável é que, para êles, se dispense o maior número de formalidades, desde que se assegure convenientemente a sua autenticidade:

Hei por bem, sobre proposta do Ministro da Justiça e dos cultos, e usando da facultade que me confere o artigo 47.º, n.º 3.º, da Constituição Política da República Portuguesa, decretar o seguinte:

Artigo 1.º Os párocos como detentores do arquivo paroquial apenas passarão certidões, para efeitos da cédula pessoal, cobrando os emolumentos constantes na tabela em vigor do registo civil, devendo ser autenticadas, sem emolumentos, quando o funcionário tiver dúvidas sobre a assinatura do pároco. § único. Para este fim os párocos apresentarão ao respectivo funcionario da área da sua freguesia a sua assinatura.

Artig. 2.º As transcrições destas certidões nos livros do registo civil são isentas de selos e emolumentos para o respectivo funcionario do concelho a que pertence a freguesia.

Art.3.º As cédulas passadas pelos párocos e anteriores a este decreto são válidas, devendo ser autenticadas com o selo branco das repartições do registo civil do concelho a que pertence essa freguesia.

Art. 4.º É dispensada a apresentação da cédula para a abertura de sinal destinado á factura ou aprovação de testamento.

Aat. 5.º Fica prorrogado por mais três meses o disposto no artigo 9.º do decreto n.º 9 591, a contar da publicação deste decreto

Art. 6.º Quando a parte indicar o ano e freguesia nunca é devida a busca nem para a passagem da cédula nem para quaisquer averbamentos a ela respeitantes.

Art. 7.º Pela autenticação é apenas devido o emolumento de 1\$50.

Art. 8.º A carta de naturalização de cidadão portuguez é documento bastante para a passagem da cédula quando outro documento não exista.

Art. 9.º As dúvidas e casos omissos que se suscitarem sobre a passagem da cédula serão resolvidos pelo ministro da justiça e cultos, sobre a informação da Conservatória Geral.

Art. 10.º Fica revogada a legislação em contrario.

PELO ARCIPRESTADO

Peço muito encarecidamente aos meus presados colegas o obsequio de fazerem entrega, no escritório do arceiprestado, da colecta recolhida para a boa imprensa, feita em dia de S. Pedro, como ordenam as Constituições arceidocesanas. Se por qualquer circumstancia, em alguma paróquia não foi feita essa collecta, deve ela ser feita ainda, mas quanto antes, para ser posto em ordem este serviço.

Auxiliar a boa imprensa é um dever que aos católicos mais urge, na hora que passa.

Arcipreste—Rios Novais

ALCADA & MOZA COVILHÃ

VENDEM FAZENDAS ao preço das fabricas

PREFIRAM A NOSSA CASA.

PEÇAM AMOSTRAS

Ecos e Noticias

Nossa Senhora do Carmo

No templo da Venerável Ordem Terceira, festeja-se, no próximo domingo, com o esplendor costumeado, a devota imagem de N. Senhora do Carmo, em honra de quem naquela igreja se teem realizado novenas.

De manhã haverá missa solene pelas 10 horas e meia.

A' tarde, pelas 6 horas, exposição do S.S. Sacramento, sermão pelo rev. dr. Ferreira Fontes, ilustre professor do Seminário de Braga, benção eucarística e ladainha.

Pelas 9 horas da noite, organizar-se-há a comovente procissão das velas, com o andor de N. Senhora do Carmo, prorrompendo todos os fieis em cânticos, orações, e louvores em honra da Mãe purissima de Deus e dos homens.

Como esta procissão é um simile das que em Lourdes se realizam, é conveniente que todos cantem o *Avé, Avé, Avé, Maria*.

Ao recolher da procissão e antes da benção, fará uma allocução o mesmo distinto orador.

Honraria merecida

Sua Santidade Pio XI acaba de conferir ao nosso zelosissimo Arcebispo Primás, D. Manoel Vieira de Matos, a alta e merecida honra de Assistente ao sólio pontificio, honra a que corresponde o titulo de conde de Roma e patricio romano.

S. Ex.^a Rev.^{ma} é uma nobre figura de destaque no episcopado portuguez, que muito se tem evidenciado pelos seus edificantes trabalhos apostólicos, ainda há poucos dias por todos louvados e apreciados na realização do 1.º Congresso Eucarístico Nacional, fértil em solenissimos actos de fé e amor, do qual foi o principal promotor.

Enche-nos de alegria esta distincção, que tão bem assenta em quem é ornado de tão peregrinas qualidades. Ao nosso jubilo, unimos e apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

Sopa dos Pobres

Donativos recebidos

Do sr. Capitão Manuel Carmo Gonçalves 10\$00
Do sr. Luis Maria Ferraz 20\$00

Posse

Tomou ontem posse da freguesia de Nabais, Póvoa de Varzim, o nosso distinto amigo rev. António Plácido Fernandes da Silva que, durante 22 anos, pastoreou dignamente a freguesia de Carvalhal, neste arciprestado.

Por delegação do rev. Arcipreste de Vila do Conde, a posse foi-lhe conferida pelo nosso respeitável amigo, rev. Arcipreste de Barcelos, que fez o elogio do empossado.

Assistiram os srs. Loureiro, emcomendado da freguesia, Capelão da Aguedoura, Abade de Alvelos, Párcos de Gilmonde e Avero-Mar e Cura da Estrela.

O povo, que compareceu em grande número, portou-se briosamente, oferecendo um copo de água aos convidados. Repicaram os sinos festivamente e ao ar subiu uma girândola de foguetes.

O rev. Plácido da Silva, no púlpito, falou ao povo, dizendo que de paz era a sua missão e que vinha animado dos desejos de para ela concorrer, pedindo, para esse fim, a colaboração dos seus novos paroquianos.

No copo de água, falou eloquentemente, fazendo o justo elogio do empossado, um paroquiano de Nabais, dando as boas vindas ao novo Abade, em seu nome e no dos seus comparoquianos, e o rev. Plácido da Silva, agradecendo.

Reiteramos as nossas felicitações ao novo Abade de Nabais, Párcos zeloso e dignissimo, que, estamos disso plenamente convictos, há de fazer um bom lugar, na espinhosa parquialidade que lhe foi confiada.

Valiosa oferta

O nosso patricio João Joaquim de Sousa Sobrinho, de S. Vicente de Arcias, actualmente residente na Bahia, ofereceu o seu magnifico automóvel à prestante Associação dos Bombeiros de Barcelinhos.

É mais um acto de benevolência a encastoar na corôa, fúlgida já, de variadissimos actos de caridade e de beneficência que s. ex.ª tem largamente prodigalizado á sua terra natal, como também a Braga e a outras localidades.

Esta generosa oferta penhorou os bravos bombeiros de Barcelinhos. A's suas alegrias juntamos as suas, como também nos unimos ao justo preito do seu reconhecimento para com tão dedicado bem-feitor.

Cão rabiado

Um cão de estimação mordeu, em Barcelinhos, em casa da ex.ª viúva do nosso saudoso amigo e antigo escrivão de direito, sr. Francisco Cardoso e Silva, várias pessoas.

No Instituto anti-rábico do Pôrto, por esse motivo, andam 7 pessoas em tratamento, entre as quais dous filhinhos do nosso presado amigo António Dias Gomes, honrado negociante, seu cunhado António Cardoso e Silva, um filho do nosso distinto amigo, sr. Francisco Cardoso e Silva, etc. etc.

Sentimos o desgosto porque acabam de passar estes nossos estimados amigos.

Pelo batalhão

Foi licenciado o sr. dr. Braz de Araujo, médico ao serviço no 3.º batalhão de infantaria 8, aquartelado nesta vila. Aberto concurso para o preenchimento da vaga, foi nela provido, por contrato, o sr. dr. Luis Ferreira que já exerceu idêntico lugar, durante anos.

Exames

Nas escolas primárias deste Circulo escolar, correm os exames do programa da 4.ª classe, sob a presidência do digno Inspector interino, sr. Matias Fernandes.

Sincopa

O antigo e honrado negociante desta praça, sr. Tomás José de Araujo, foi acometido, no jardim das Obras, duma sincopa cardíaca ligeira e de somenos importância.

O nosso amigo foi logo prontamente socorrido por várias pessoas que se encontravam presentes, como eram os srs. tenente-coronel Francisco Vila-Chã Rodrigues Leite, dr. Miguel Fonseca, dr. Manuel Novais, Henrique Terroso, Custódio Bravo e Bento João Machado.

A sua casa acudiram logo os seus numerosissimos amigos que, como nós, rejubilavam ao saber que felizmente o incidente não foi de gravidade.

Os nossos cumprimentos.

1.ª Comunhão

No dia onze e no Pôrto, recebeu a 1.ª comunhão com edificante devoção a menina Maria Júlia da Assunção, filha do sr. Félix da Cunha Soto Maior e de sua esposa sr.ª D. Maria Cândida Miranda da Silva, nossos respeitáveis patricios.

Maria Júlia sentia tão frenético e piedoso entusiasmo, por receber a Jesus, que não foi capaz de conciliar o sono durante a noite que precedeu a recepção deste sacramento.

Que a menina Maria Júlia continue a receber muitas vezes a Jesus e a pedir graças para si, para seus bondosos pais e para a sua familia, eis os nossos votos, misturados com muitos parabens. Foi ministro seu tio e nosso presado amigo rev.º António Fernando Miranda da Silva.

Merece aplauso

O sr. dr. Miguel Fonseca, digno Presidente da Câmara, ordenou que os vadios que por aí vagueiam, na aprendizagem e na escola do vicio e da imoralidade, fossem obrigados a fazer serviço na limpeza da vila, recebendo salário correspondente.

É digno de todo o louvor esta resolução.

Pelos Bombeiros Voluntários

Foi eleita a direcção desta prestante Associação. Ficou assim constituída: dr. Francisco Torres (presidente) Luis Carvalho (vice-presidente) Augusto Angelo de Melo e Abilio Sobral (secretários) e José Barboza Ferreira Dias (tesoureiro).

Foram admitidos sócios do corpo activo os srs. António Viana Lopes, Manoel Luis Pereira, Jacinto Osório, António Figueiredo Araujo, José Guimarães Cibrão, Carlos Baptista, Adriano Pinto Azevedo e Emilio Vinagre.

Os roubos no cemitério de Espozende

Do sr. Arnaldo M. Torres recebemos uma carta «lamentando profundamente» que o nosso jornal não tenha levantado «o grito de revolta» contra os repugnantes atentados perpetrados no cemitério de Espozende, onde, violando-se as sepulturas, se tem roubado chumbo e roupas, crimes de que a justiça tomou já conta.

É injusto o sr. Arnaldo Torres.

O grito de revolta foi aqui altivamente levantado pelo nosso solícito correspondente de Espozende.

De certo não leu o sr. Torres o n.º 50 do nosso jornal, de 26 de junho do corrente ano.

Levantado energicamente o grito, confiemos agora na justiça.

Casamentos

Na freguesia de S.ª Eugénia de Rio-Covo, uniram-se ontem, dia de Nossa Senhora do Carmo, pelos sagrados laços do matrimónio a sr.ª D. Maria E. Fernandes Faria, pretendada e gentil filha do sr. José da Graça Faria, illustre solicitador, com o sr. Abilio Rodrigues de Sousa, gerente da Panificadora, Limitada.

Os noivos são ornados dos mais formosos dotes de espirito e de coração, qualidades estas, muito apreciáveis, que converterão o seu novo lar em um Eden de intermináveis e purísimos gosos.

Assistiu ao matrimónio o rev. Alexandrino Leituga, que pronunciou uma alocução adequada ao acto.

No fim, na quinta do pai da noiva, foi servido um lauto banquete, trocando-se sinceros e efusivos brindes.

A corbeille estava repleta de valiosas prendas.

Os noivos seguiram para Braga, onde passarão os primeiros dias da sua lua de mel.

Apresentamos-lhes os nossos cumprimentos de sinceras felicitações, com votos das mais ridentes felicidades.

—Em Barcelinhos, também ontem se uniram pelos laços do matrimónio a ex.ª sr.ª D. Maria Domingas da Rocha Beleza Ferraz, simpática e prendada filha do falecido tenente-coronel médico, dr. José Beleza da Costa Almeida Ferraz e da ex.ª sr.ª D. Maria Rocha de Soto-Maior, com o ex.º sr. dr. Fernando Augusto Moreira, distinto médico e sobrinho do nosso amigo sr. Agostinho José Moreira, acreditado negociante, nesta praça.

Na casa do Areal, foi servido aos noivos e convidados um delicioso copo de água, seguindo em seguida os noivos para Rates, Póvoa de Varzim, onde o sr. dr. Fernando Moreira exerce clinica, com grande proficiência e geral agrado.

Os nossos cumprimentos de felicitações.

Falecimento

Na linda idade de 12 anos, faleceu ontem, pelas 11 horas e meia da manhã, vitima da tuberculose, a menina Arminda da Luz Barbosa Ferreira, gentil filha do nosso presado amigo e activo Tesoureiro da Misericórdia, sr. Augusto Fortunato dos Santos Ferreira.

O funeral realiza-se hoje ás 20 horas e meia, depois do responso que tem lugar no templo do Senhor Bom Jesus da Cruz.

Em sufrágio da alma da finada, seu extremo pai fez distribuir os seguintes donativos:

- 20\$00 ao Recolhimento do Menino Deus;
- 20\$00 ao Asilio de Inválidos;
- 20\$00 á Sopa dos Pobres;
- 20\$00 ao Pão de Santo António;
- 20\$00 aos Bombeiros de Barcelinhos;
- 50\$00 aos de Barcelos;
- 150\$00 para distribuir pelos pobres.

Ao nosso presado amigo sr. Augusto Ferreira, bem como a sua esposa e mais familia em luto, apresentamos os nossos sentimentos.

Espozende, 15

Realizou-se ultimamente o casamento da Sr.ª D. Maria Amélia Monteiro Gonçalves Simões, do Pôrto, com o Sr. Dr. Bernardino José Fernandes Ribeiro.

A noiva é uma menina muito prendada, filha única de D. Amélia Adelaide Soa-

res Monteiro Simões, já falecida e do Sr. João Gonçalves Simões, importante negociante na cidade do Pôrto e natural de Fão.

O noivo é um médico muito distinto, formado com distinção pela Universidade do Pôrto, filho de Manuel José Fernandes Ribeiro e de D. Maria Joaquina Barbosa, já falecidos e sobrinho dos Srs. Prior da Apúlia e Abade de Vila Cova.

O acto religioso teve lugar na capela do Sr. Prior da Apúlia, em Palmeira.

Os noivos, depois da viagem de núpcias, fixaram residência em Fão, onde o noivo exerce a clinica. Desejamos-lhes inúmeras felicidades.

—No hospital do Carmo, no Pôrto, sofreu uma grande

operação o Sr. Dr. Henrique Barros Lima, distinto médico em Fão, onde gosa geral estima. Felizmente tem corrido bem, estando o doente quasi restabelecido. Foi operador o Sr. Dr. Alberto Ribeiro.

Foram muitas as pessoas deste concelho que assistiram ao Congresso Eucarístico de Braga. Todos vieram encantadas com as solenidades imponentissimas que presenciaram.

—No dia 27 é solenemente inaugurada em Fão a obra do «pão dos pobres de S.º António». Para esse fim chega por estes dias uma riquissima imagem de S.º António (oferta do Sr. António Vila Chã Pinheiro), fundador da obra do «pão dos pobres».

A imagem, da officina do L. Fanzeres é encantadora.

O CONCELHO DE RELANCE

Abade de Neiva, 14.

Casou o sr. José Pereira Fernandes com a sr.ª Antónia Teresa Dias. Muitas felicidades.

—A gôso de férias, chegaram a esta freguesia e a casa da sua avô, a sr.ª D. Ana da Silva Neiva, os intilgentes académicos José e António Neiva dos Santos.

Campo, 14.

Recebeu os últimos sacramentos a sr.ª Ana da Silva Outsiro, que se encontra em grave estado.

—Muito bem disposto, encontra-se animado a ultimar a operação que lhe foi aconselhada, o sr. João Cândido Veloso de M. Pereira Barreto, da casa do Rato e nosso respeitável amigo.

—De Guimarães chegou, com seus filhinhos, a sr.ª D. Maria Celestina Ferreira Carmo, esposa do sr. dr. José Duarte Pinheiro.

—O sr. dr. Damásio Bruno, da quinta de Revorido, continua a melhorar.

—A Junta da freguesia, auxiliada eficazmente por outros cavalheiros, resolveu ultimar o cemitério: caia-lo, arrua-lo.

Preciso era.

Macieira, 14.

Não gostei da intromissão, na minha correspondência última, dumas considerações, a propósito das festas, feitas por outrem.

Mesmo porque esse correspondente especial foi injusto, aludindo ao estado dos parâmetros, que servem nos actos do culto que, graças a Deus, e á boa vontade do bom povo desta terra, sempre pronto em acudir ao apêlo do nosso digno Párcos, estão regularmente providos e também em regular estado de conservação.

A briosa comissão das festas procurará, assim o cremos, dar-lhes o maior luzimento, não descurando as leis e desejos da Santa Igreja.

—Teve ontem lugar a festa em honra do S.S. Sacramento.

Nó sábado, houve confissões. Ontem, de manhã, houve missa solene. De tarde, exposição do S.S. Sacramento, sermão pelo illustre orador, rev. Abade de Balazar, procição em volta da igreja, cânticos e benção eucarística.

A música foi da capela do rev. Marques Lima, de Chorrente.

Explicação

No último número saiu uma carta de Macieira do correspondente especial Miguel, junta com as noticias do nosso presado correspondente habitual, o que produziu uma... salgalhada.

Que os nossos leitores nos relevem a... confusão que os tipógrafos causaram.

Macieira, 13.

Explicando!—No último número deste jornal saíram uma miscelânea as notas da terra.

Por falta talvez de revisão vieram misturadas as noticias do correspondente ordinário com uma opinião e alvitre meus. Como ficou, mal se compreendia.

Escusado é dizer que não tive por fim melindrar ninguém, mas apenas expor um alvitre que me pareceu sensato e está sem dúvida de harmonia com a doutrina da santa Igreja. Fi-lo no uso pleno dum direito, de que não abduco.

E não me arresendo de o ter feito nos termos em que o fiz. Porque ainda estou convencido de que estou numa opinião senta.

Estou só? Que importa? Mas creio que não.

E... «um homem que tem por si a razão nunca está em minoria», ainda que estivesse só.

Miguel.

Agradecimento

Por este meio venho muito penhorado agradecer, enquanto o não posso fazer pessoalmente, os bons serviços que todas as pessoas fizeram o favor de dispensar-me por ocasião do acidente de que no domingo fui acometido bem como áquelas que prontamente pela minha saúde se interessaram; devendo contudo especialisar os Ex.ºs Srs. Tenente Coronel Francisco Vila Chã R. Leite, Dr. Miguel Fonseca, Dr. Manuel Novais, Henrique Terroso, Custódio Bravo da Costa e Bento João Machado, que foram as que immediatamente me socorreram com aquela carinhosa solicitude que jamais esquecerei.

Barcelos, 10 de Julho de 1924.

Tomás José de Araujo

Banco de Barcelos
Soc. An. Resp. Lda.

A partir desta data, está em pagamento, na sede do Banco e no Pôrto na casa dos II.ºs Srs. Manoel Pereira Pena & C.ª, aos srs, Acionistas da primeira emissão, a quantia de Esc. 2\$50 por acção, por conta do dividendo do corrente ano.

Barcelos, 15 de Julho de 1924.

G. Teixeira
Matias Graça

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SÉDE = RUA D. ANTONIO BARROSO = BARCELOS

TIPOGRAFIA oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côres.

ENCADERNAÇÃO oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.

PAPELARIA vendas por junto e a retalho, de papeis de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritório.

EMPRESA INDUSTRIAL DE BARCELOS, L.^{da}

(FABRICA DA GRANJA)

Largo da Granja, 9 a 17—BARCELOS

Serração, Carpinteria e Marcenaria

Executa-se, com perfeição e rapidez, qualquer encomenda, com grande vantagem e economia para os Snrs. Construtores e Proprietarios.

Preços sem competencia.

Ismael de Macedo & C.^a

Rua D. Antonio Barroso, 34 e 36

BARCELOS

Completo e variado sortido em casimiras, chales, malhas, panos crus, panos brancos e muitos outros artigos.

Um bom sortido em miudesas

PREÇOS DE RECLAME

Mercearia 1.º de Dezembro

DE

BRITO & C.^a

Barcelos { Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoitos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas e muitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia—Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França, Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos serão sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,